

Um velho de que não gosto

Gosto dos velhos, mas não de todos, e nunca receei a velhice porque a vida me proporcionou formidáveis encontros com velhos. Com homens e mulheres que possuíram ou possuem as suas rugas, as suas cãs, a sua aparente lentidão, com orgulho, alegria, e, agora que faço sessenta anos, preparo-me para ser como eles. Essas mulheres e homens que no rosto ostentam o mapa glorioso de vidas gloriosas são um exemplo para mim, e, por respeito a eles e a mim mesmo, utilizo estas páginas para me referir a um velho patético que representa exactamente o contrário, e é o paradigma do tipo senil, prisioneiro de um destino semelhante ao de Dorian Gray.

O velho desta crónica é um italiano que substituiu a serenidade que os anos normalmente concedem pela libertinagem sem limites. Imagino que algum dia, sem outra intenção que não fosse a censura, terá assistido à representação de *A Resistível Ascensão de Arturo Ui*, de Brecht, e decidiu

que os espelhos serviam de guias para voltar a encher com próteses o que a vida lhe negara. Começou a falsear a própria estatura física, porque a outra, a moral, é, por sorte, intocável. Um sapateiro encarrega-se de desenhar o seu calçado provido de ocultas plataformas que lhe outorgam uns quatro centímetros acima do nível do mar. Isto conduz também ao trabalho de um alfaiate que deve confeccionar-lhe calças para umas pernas que não são as suas, e dotar os seus casacos com umas ombreiras que revelam um homem alto e até forte. O problema que subsiste é o da cabeça, porque não há próteses que aumentem o seu tamanho, e por muito que, em frente ao espelho, ensaie os gestos de Mussolini, o que fica é uma cabeça de velho baixinho, quase carente de pescoço, e metida à força num corpo alheio.

A queda do cabelo é uma questão decidida pelos anos, é lei da vida, e todos os implantes a que se submeteu fracassaram porque a erva não cresce em terreno estéril. Assim, e talvez inspirado no famoso sinal que adorna a bela cabeça de Gorbachev, decidiu tatuar uma sombra escura debaixo da escassa guedelha, e o efeito final é o de um velhote que cobre a cabeça com uma boina velha e esfiapada.

Uma vez, uma maquilhadora quis retocar as rugas faciais de Sir Laurence Olivier antes de este ir para o palco representar *Hamlet*. O grande actor impediu-a com gentileza e acrescentou: «Não são rugas, são amadas cicatrizes que as melhores batalhas me deixaram.» O italiano a que me

refiro, pelo contrário, decidiu ser «o mais belo da Europa», e para tal internou-se numa clínica dermoestética na Suíça. O resultado final é o de um velho chinês com sérias dificuldades para abrir os olhos. Assim, após uma série de fracassos previsíveis num aprendiz de Peter Pan, optou por gritar ao mundo a sua virilidade de *latin lover* da terceira idade.

Pode haver algo mais grotesco do que um velho baixinho mas empinado, meio careca mas com a cabeça pintada, de olhos asiáticos à força de bisturi e dentadura impecável graças a tratamentos que o impedem de fechar a boca? Se a esta visão de pesadelo lhe acrescentarmos uma adolescente, menor de idade, generosamente oferecida pelos pais, que lhe chama candidamente «papi», teremos então um argumento de ópera bufa que, com certeza, faz com que Rossini e Puccini se revolvam no túmulo.

Uma série interminável de *vellinas*, ou seja, de senhoritas de aspecto infantil e discretamente putas, às quais se juntam meretrizes de tarifa *business* que se fazem chamar *escorts*, assenhorearam-se da residência oficial do velhadas e, longe de proclamar aos quatro ventos as virtudes amatórias do anfitrião, declaram que se trata de um velhinho simpático a quem devem chamar «papi», e que a sua maior proeza sexual é sentá-las a ver vídeos antigos onde ele canta aborrecidas canções românticas da Itália de Domenico Modugno.

O velhote tem uma mansão na Sardenha, deslumbrante pela grande quantidade de *kitsch*, e que é frequentada por

grupos de *vellinas* transportadas em aviões da força aérea italiana, para alegrar outros velhotes que acorrem para dar fé do seu europeísmo. Graças à perícia de um *paparazzo*, entre raparigas que tomam banho com pouca roupa, vimos um homem de governo profundamente eurocéptico a exhibir uma erecção por conta do erário público italiano, e, no centro de tudo isto, a figura incansável de «Papi», que, no dizer das convidadas, passeia a sua senil arrogância, a sua insolente decrepitude, a sua abjecta decadência, convencido de ser o novo Nero.

E como diz a Bíblia: a Deus o que é de Deus, e a César a geriatria.